

A CONTRIBUIÇÃO DA FOTOGRAFIA NA COMPEENSÃO DA RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA

Écio Antônio Portes (DECED/UFSJ) eaportes@gmail.com
Kamila Amorim (UFSJ) kamila.amorim3@gmail.com

Eixo temático: Educação e Movimentos Populares

Introdução: O presente trabalho tem como preocupação principal discutir uma hipótese sociológica que afirma que a presença da família no interior da escola é um elemento favorecedor das relações que a criança mantém com o estabelecimento escolar, visto aqui através do contato e relações que as famílias da comunidade rural do povoado de Goiabeiras, localizado a 14 km do município de São João del-Rei, MG mantém com a Escola Municipal de Goiabeiras, mostrando que essa proximidade pode se configurar em um aproveitamento escolar. Entretanto, essa proximidade não nos parece ser uma fatalidade sociológica, muitas vezes percebida em simplificações dessa complexa relação.

Metodologia: Os nossos passos metodológicos foram: a) identificação do arquivo de fotografia; b) a separação e gravação das fotografias; c) a escolha dos informantes; d) a identificação dos eventos fotografados; e) associação dos resultados produzidos pelos quadros com os históricos escolares dos alunos.

Resultados: A partir do conjunto de 1532 fotografias tratadas aqui como prova empírica, mostramos um conjunto de 64 famílias num movimento bastante interessante onde revelam que para os familiares dos alunos do povoado de Goiabeiras os eventos promovidos pela escola, tratam-se apenas de um evento social. As fotografias também revelam a constante presença das mães nos eventos. A participação dos pais também é um fato a ser percebido, algo que vem desmistificar que os pais não participam das festividades da escola. **Conclusões:** O desempenho escolar dos alunos da Escola Municipal de Goiabeiras parece não ter uma correlação aparente com a presença ou não das famílias e a intensidade da presença das mesmas no conjunto dos eventos promovidos no interior da escola.

Palavras-chave: Relação família e escola, Fotografias, Sociologia da Educação.

AGÊNCIA FINANCIADORA: PIBIC/FAPEMIG

A CONTRIBUIÇÃO DA FOTOGRAFIA NA COMPREENSÃO DA RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA NO MEIO RURAL¹

1. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo ampliar a compreensão do problema atinente à relação família e escola, tendo, como suporte de análise, registros fotográficos de momentos festivos nos quais funcionários da escola, alunos e seus familiares estavam presentes. Ressaltamos o vínculo significativo entre a comunidade rural do povoado de Goiabeiras e a escola, uma vez que esta funciona também para essa comunidade como instância de socialização mais ampla. A fotografia tem um papel fundamental enquanto possibilidade inovadora de informação e de conhecimento conforme Andrade (2005), e é o instrumento principal de apoio a essa pesquisa.

A Escola Municipal de Goiabeiras foi criada pela lei nº 7986 de Outubro de 1927. Neste período, a escola funcionava em uma casa, a qual foi sendo modificada e ampliada com três reformas, obtendo assim a estrutura física atual. Funciona no período da manhã, atendendo a mais ou menos 70 alunos, distribuídos entre aqueles da Educação Infantil e das séries iniciais do Ensino Fundamental.

Seus alunos apresentam características semelhantes àsquelas de crianças provenientes das classes populares urbanas, principalmente quanto ao modo de se vestir. Utilizam roupas e calçados mais simples como chinelo de dedo, tipo “havaianas”, botina e tênis. Quanto ao pertencimento étnico dos alunos, deparamo-nos com um número significativo de crianças negras.

Este trabalho vem discutir uma hipótese sociológica que afirma que a presença da família no interior da escola é um elemento favorecedor das relações que a criança mantém com o estabelecimento escolar. Essa relação pode propiciar uma aprendizagem mais efetiva, mostrando que essa proximidade pode se configurar em um aproveitamento escolar.

A partir do contato com um acervo significativo de fotografias (impressas e em CDs), captadas em momentos festivos, já identificado por nós, referente aos anos de 2006-2009, um tesouro de imagens das famílias, escondido, mas ao nosso alcance, marcado pela presença da família na escola, percebemos a possibilidade de discutirmos a hipótese enunciada, visto serem as fotografias provas empíricas da proximidade das

famílias de Goiabeiras junto à escola. A pergunta que nos move é: o que pode revelar essas fotografias sobre essa complexa relação? Associamos aos resultados das análises das fotografias os resultados contidos nos históricos escolares dos alunos pertencentes a essas famílias.

Reconhecemos a importância que essa relação família e escola ocupa no desempenho (sucesso/fracasso) dos alunos da Escola Municipal de Goiabeiras, na qual a família, por intermédio de suas ações materiais e simbólicas, têm um papel importante a ser jogado na vida escolar dos filhos, papel que não pode ser desconsiderado, pois, trata-se de uma influência que resulta de ações muitas vezes sutis, nem sempre conscientes e intencionalmente dirigidas (ZAGO, 2007). Entretanto, essa proximidade não nos parece ser uma fatalidade sociológica, muitas vezes percebida em simplificações dessa complexa relação.

2. Literatura revisitada sobre a fotografia

Filha do registro pictórico, a fotografia expressou, com seu nascimento no séc.XIX, a possibilidade suposta de reprodução da realidade sem a aparente mediação de valores e idéias. Contudo, a fotografia como resultado dos avanços da ciência físico-química gozou de um poder de veracidade desde sua constituição, jamais alcançado por qualquer forma anterior de registro (OLIVEIRA Jr. 1991, apud BARROS, 1992). Mesmo que essa credibilidade da fotografia se vê às vezes questionada na história diante de grandes e celebradas farsas montadas para efeitos políticos e ideológicos, principalmente, conforme Susan Sontag (2003).

Com a industrialização, praticada em larga escala, a fotografia ganhou em popularidade. E com o advento de máquinas mais baratas e de fácil manuseio, novas formas de arquivo e de leituras imediatos, “tirar” fotografias tornou-se um hábito em festas, aniversários, casamentos, viagens, batizados... (ANDRADE, 2005, p.49). A Escola Municipal de Goiabeiras significa para o povoado uma marca forte da presença do Estado. É comum a comunidade recorrer à coordenadora para resolver alguns problemas cotidianos e para auxiliar nas festas, nos casos de mortes, entre outros acontecimentos. Se a imagem fotográfica nasce da observação de uma realidade que está contida em uma estrutura cultural, ela vem carregada de significados, de fragmentos atinentes a essa comunidade e a suas manifestações simbólicas. Como para Proust, que diz que a fotografia não nos mostra apenas detalhes, como também, aspectos dos objetos que escapam à nossa observação (BRASSÄI, 2005).

É preciso transformar a fonte em documento, fazer a fotografia revelar um sentido a ser decifrado e interpretado.

Se a fotografia aparentemente “congela” um momento, sociologicamente, de fato, ela “descongela” esse momento ao remetê-lo para a dimensão da história, da cultura e das relações sociais. O pressuposto de que a fotografia é um ato de “congelamento” não é mais do que ideologia do ato fotográfico, algo bem mais distante da apreciação propriamente científica do que é a fotografia (MARTINS, 2002; 2008).

A fotografia definida como um sistema de elaboração de realidades, comporta dois processos cruciais: o de construção da imagem fotográfica e o de sua interpretação. Trata-se de um tipo de publicação na qual a imagem visual é predominante e que se assume ativamente na construção de sentidos, articulando-se em vez de submeter-se aos textos e legendas, teve um papel fundamental enquanto possibilidade inovadora de informação e conhecimento, instrumento de apoio à pesquisa (KOSSOY, 1989, p.14 apud ANDRADE, 2005).

No presente trabalho, tomamos a fotografia como ilustração e como fonte empírica, repleta de sentido, como uma produção histórica, cuja análise abarca o conhecimento do fotógrafo, dos recursos tecnológicos disponíveis e das condições sócio-históricas em que foi efetuado o registro (VIDAL, 1998). Ademais, o que ela pode explicar, já que a fotografia transporta no tempo a presença daqueles que “estiveram lá” e nela “o objeto fala” (BARTHES, 1981) de uma situação complexa, como no nosso caso, que é a relação família e escola. Foi provido desse olhar que intentamos a nossa investigação.

3. Metodologia

Os nossos passos metodológicos foram: a) identificação do arquivo de fotografia e as possibilidades de leitura do mesmo; b) a separação e gravação das fotografias que permitissem uma leitura e identificação dos sujeitos que nos interessavam para a compreensão da questão tratada; c) a escolha dos informantes que pudessem nos auxiliar na compreensão e entendimento de quem era os sujeitos presentes nas fotografias; d) a identificação dos eventos fotografados; e) confecção de quadros sintéticos com os dados coletados, f) cruzamento dos resultados contidos nos quadros com os históricos escolares dos alunos.

Para o nosso caso, denominamos evento aquelas manifestações escolares que comumente estão previstas no calendário escolar (dia das mães, dia do índio, dia da

família na escola, etc...), mas que realmente aconteceram, e que foram prestigiadas pelas famílias no exercício de aproximação com a escola. Esses eventos, para efeitos práticos e de análises foram divididos em duas categorias: eventos e eventos privilegiados. Denominamos de eventos privilegiados aqueles que parecem ser prioridade da comunidade mais ampla, nos quais as fotografias revelam não só uma presença maciça das famílias mas também de todo um conjunto de parentes e moradores que se fazem presentes. Eles parecem ser mais um evento social da comunidade do que um evento escolar.

O acervo fotográfico da Escola de Goiabeiras é muito maior do que o *corpus* de fotografias utilizado por nós, constituído por 1.532 fotografias. Descartamos as fotografias que não apresentassem relações evidentes de sujeitos com os alunos da escola. Consideramos somente as fotografias que possibilitassem uma leitura, um reconhecimento dos sujeitos ali representados.

Essas fotografias foram produzidas por fotógrafos amadores na/da escola. Observamos que os fotógrafos amadores que nos presentearam com esta profusão de imagens utilizaram-se principalmente de câmaras digitais modestas (ou a operação das mesmas não revela um senso de aproveitamento do equipamento) e não estão preocupados com imagens singulares, como enquadramentos em zoom, em mostrar closes, detalhismos particulares, faces, expressões aproximadas. Eles parecem querer mostrar o grupo, o movimento produzido pelos sujeitos que constituem o evento, a totalidade, como se utilizassem de uma grande angular. O evento, sobretudo, é que deveria ser registrado. Mas ao registrar o evento, esses fotógrafos vão oferecendo detalhes que os programas computacionais permitem ampliar e observar, nas particularidades, permitindo construir outros discursos para além da totalização de um evento em si. É a grandiosidade permitindo as singularidades. Esse movimento é dos mais interessantes e permite outras leituras para muito além daquela que aqui nos propomos.

Para identificar as famílias que apareciam nas fotografias, colocamos em prática aqui a idéia de um informante (às vezes, mais de um), que é largamente utilizada na antropologia. Para o nosso caso, nos espelhamos nos exemplos de August Hollingshead (1949), que em seu clássico trabalho sobre jovens americanos escolheu figuras de diferentes pertencimentos sociais para compor uma grade de classificação social dos habitantes do vilarejo de Elmtown, EUA. Precisávamos de um informante que conhecesse profundamente os sujeitos que apareciam nas fotografias, visto não

pertencermos a essa geografia nem a essa cultura. Nesse caso, lançamos mão de informantes que têm profundo conhecimento da estrutura da comunidade onde ele atua, pois um dos informantes reside no local, conhece bem as famílias dos alunos e o outro informante, o escolhemos porque é o que está há mais tempo na escola. Vez ou outra entrava algum aluno, que também auxiliava na identificação das fotografias.

Foram classificados um total de 21 eventos. Após analisarmos todo o conjunto de fotografias percebemos que em 9 deles a presença de familiares é muito tímida, revelando pouca importância para as nossas questões, pois se assemelhavam mais a um evento particular, casuístico, sendo a presença da família pouco marcante. Nesse caso, sobraram 12 eventos que serão objeto de nossas considerações. São eles: Primeiro dia de Aula, 2006; Novena, 2006; Festa Junina, 2006; Dia das crianças, 2006; Dia do Circo, 2006; Festa da Família, 2006; Dia do Livro, 2006; Festa Junina, 2007; Festa dos 80 anos da Escola, 2007; Formatura, 2008; Segunda Mostra Literária, 2008; Festa da Família, 2009.

Em alguns momentos os informantes lembraram episódios engraçados que haviam ocorrido em determinada ocasião, algumas vezes não resistiam e chamavam outros funcionários da escola para ver como saíram na fotografia, chegando até mesmo fazer comparações do antes com o agora. Em outros momentos, se recordavam de pessoas que já morreram, amigos ou familiares que já não estão entre eles. O que não nos deixa limitar a fotografia a um produto da tecnologia, mas a amplia também como um produto de várias interações humanas envolvidas, como sugere Martins (2002, p.28): “Pessoas tirando fotografias, pessoas sendo fotografadas e pessoas olhando fotografias, se emocionando com a recordação do passado”.

Os informantes perceberam a falta de alguns pais no acervo fotográfico e sempre alertavam dizendo que alguns familiares estão “faltosos nos registros”, mas reconheciam serem eles “presentes na escola”. Essas manifestações, mais do que nos alertar para a ausência de determinados familiares, fala-nos diretamente do conhecimento que esses sujeitos têm das pesquisas que temos desenvolvido na escola e no povoado e revelam um certo grau de envolvimento interessado desses sujeitos, nos alertam para os cuidados dos “efeitos de entrevista”, como afirma Fonseca (1999), para não “comermos pela boca dos outros”.

4. Dos dados coletados e as análises

A seguir, passamos a discutir e associar os dados organizados por nós, a partir do conjunto de fotografias analisadas, que auxiliam na compreensão das discussões que seguem. Discutimos, ainda, os gráficos de desempenho dos alunos pertencentes a diferentes conjuntos de famílias que mais se destacaram nas fotografias, conforme o levantamento feito por nós.

Registramos um conjunto de 64 famílias que aparecem nos eventos, a frequência dessas famílias em todos os eventos, nos eventos privilegiados e, ainda, que tipo de evento as famílias mais priorizam e a natureza desses eventos.

Quanto a participação nos eventos da escola, nossas análises mostram um movimento bastante interessante das famílias. Podemos afirmar que, para um conjunto de famílias, as festas na Escola de Goiabeiras, tomadas pelo indicativo da presença das famílias nas fotografias, não revelam ser “importantes”, pois a frequência das mesmas é muito pouco significativa nos dados. Uma análise visual no banco de dados é suficiente para perceber os “vazios” e revelar essa afirmativa, dispensando-nos de enumerar as famílias “ausentes”.

Noutro extremo, podemos perceber um conjunto de famílias que priorizam e fazem da sua presença uma ação constante em quase todos os eventos. Nesse caso, podemos ressaltar aqui uma família, onde a mãe é uma professora, profissão que destoa daquelas de outras famílias pertencentes ao povoado, mas que conhece os efeitos de se conhecer a organização e o funcionamento do sistema escolar, pela natureza e especificidade de sua ocupação profissional.

Entre esses extremos, temos um grupo de famílias que nos parece ser um grupo mais estrategista, pois quando observamos os movimentos que ele produz no interior da escola, nas festividades, podemos ver que as famílias que o compõem não aparecem em todos os eventos, priorizam aquilo que nós denominamos de eventos privilegiados. Esse grupo parece saber quando deve aparecer!

Outro fato importante para as nossas considerações se trata da presença dos diferentes sujeitos nos eventos priorizados. A partir de nossas análises, pudemos ver a presença de mães, pais, tios, avós e irmãos no interior da escola.

As fotografias consultadas são pródigas na demonstração das mães no interior da escola. Trabalhos consultados que cuidam da relação família e escola nos meios populares indicam que esta aproximação é “obrigação” da mãe, seja porque as reuniões escolares são sempre convocadas em horários incompatíveis com o horário de trabalho dos pais, seja porque reuniões escolares “é coisa de mulher”, seja em função da

condição de trabalho das mulheres, que oferece maiores possibilidades de articulação e manipulação do tempo (são diaristas, lavadeiras, biscateiras, do lar...). As fotografias sobre os eventos mapeados demonstram que a realidade também é essa na Escola de Goiabeiras. Elas estão presentes e superam em muito a presença dos pais.

Por outro lado, o número de pais presentes nos eventos mapeados vem desmistificar aquilo que o senso comum tem cristalizado, de que os pais não participam das atividades escolares. Os números levantados por nós desmentem isso, pois pudemos ver os pais presentes na escola em uma proporção bastante significativa. Afirmar que os pais estão presentes porque se trata de uma festa comunitária, aberta a todos, comum a todos os moradores do povoado de Goiabeiras não nos parece ser razoável, visto que de um mapeamento feito de 64 famílias, apenas 18 famílias aparecem sistematicamente nos eventos promovidos pela escola.

Ainda, a análise das fotografias mostra que, para o meio rural, os cuidados com as crianças estão para além do lar, dos pais no sentido estrito, pois a presença de tias e avós é tão marcante quanto a presença de pais. Nesse caso, podemos afirmar, pelos estudos que temos desenvolvido no interior da escola e do povoado, que os cuidados para com as crianças passam por uma rede de parentesco, bastante forte e atuante, que atua na sua proteção, situação também percebida por Fonseca (1999).

Das famílias que aparecem em nossos estudos, podemos retirar sem muito esforço três conjuntos distintos que podem ser assim denominados: Muito Frequente, Frequente e Pouco Frequente. Tomamos essas famílias porque os resultados escolares de seus filhos permitiam uma comparação mais objetiva. Aqueles cujos filhos estavam na educação infantil, foram descartados porque na Educação Infantil as avaliações não são expressas em notas.

Tomamos as notas de Português e Matemática dos filhos desses três conjuntos de famílias. Essas disciplinas ocupam um lugar privilegiado no currículo escolar e um lugar de destaque na hierarquia das disciplinas escolares. Construimos gráficos tomando a nota média de cada grupo.

Observamos que o desempenho em Português dos filhos das Famílias MF são inferiores aos dos filhos das Famílias PF. O desenho do desempenho em Matemática mostra uma ordem que pode ser assim enunciada: quanto mais frequente é a família nos eventos mapeados, menor é o desempenho de seus filhos. Não existe uma diferença significativa entre os desempenhos dos alunos das diferentes famílias. O desempenho médio dos alunos das Goiabeiras em Português e Matemática não revela uma correlação

aparente com a presença das famílias e a intensidade da presença das mesmas no conjunto dos eventos promovidos no interior da escola e analisados por nós.

5. Conclusões

A primeira conclusão que o nosso trabalho indica é que a relação escola e família observada a partir de uma prova empírica, como no nosso caso as fotografias e os históricos escolares das crianças, questiona e complexifica o entendimento que aparece recorrentemente na literatura que trata das questões relacionadas à família e a escola. Nesse sentido, as fotografias revelaram ser um material ao qual deveríamos lançar os nossos olhares investigativos para analisar outras questões pertinentes ao mundo da escola, visto elas serem produzidas em profusão nos dias de hoje. Chama ainda a nossa atenção o fato de uma escola rural possuir um acervo tão significativo.

A segunda conclusão é que os nossos resultados, mesmo sendo eles observados em pequena escala, mostram com clareza que a relação família e escola, vista a partir dos eventos analisados, não revelam uma relação direta entre proximidade das famílias com a escola e o desempenho escolar (bom ou ruim) de seus filhos. Nesse caso, queremos chamar a atenção para o fato de que os eventos mapeados por nós não são eventos pedagógicos, estritamente falando, convocados com essa finalidade, como as reuniões escolares, por exemplo. Eles são eventos escolares, mas são, sobretudo, eventos sociais. Nem por isso eles são priorizados por todas as famílias. Isto posto, aquelas famílias que se fazem presentes nesses eventos fazem também uma aproximação espontânea com a escola, revelando ser essa uma aproximação sem muitas tensões.

Dessas conclusões, podemos aventar algumas hipóteses. Os resultados escolares produzidos pela Escola de Goiabeiras não discriminariam os estudantes entre si e, “todos seriam iguais”, escolarmente falando, considerando aqui ser uma escola do mundo rural e as expectativas produzidas por ela, para esse meio, com relação ao futuro das crianças. Essa hipótese não ganha muita força nas outras pesquisas que temos desenvolvido. Já observamos que se trata de um fato real a ampliação da escolaridade nas famílias pertencentes às Goiabeiras, visto serem os pais portadores das quatro séries e os filhos já estarem ultrapassando o Ensino Fundamental. Outra hipótese é que as metodologias de investigação das relações família e escola, fundadas principalmente em questionários e entrevistas se vêem aqui questionadas, produzindo um alerta sobre os “efeitos de entrevista” nos resultados por nós divulgados. Por último, precisaríamos

compreender melhor o sentido e o significado da aproximação das famílias populares junto à escola, no intuito de entender se essa relação possui o pragmatismo interessado dado a ela pelas famílias das classes médias de estratégia racional da qual os filhos possam se beneficiar escolarmente.

6. Referências Bibliográficas.

- ANDRADE, Rosane de. *Fotografia e antropologia, olhares fora - dentro*. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2005.
- BARROS, Armando Martins de e outros. *Questões da nossa época: O passado sempre presente*. v.4 Rio de Janeiro 1992.
- BARTHES, Roland. *A câmara escura*. Lisboa: Edições 70, 1981.
- BRANDÃO, Zaia. Sucesso e fracasso escolar no contexto das relações família e escola. In: DALBEN, Ângela e outros (orgs.). *Coleção Didática e Prática de Ensino*. Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: escola, família e comunidade. Autêntica: Belo horizonte, 2010, p.647-660.
- BRASSAÏ. *Proust e a fotografia*. Geográfica Editora, 2005.
- FONSECA, Cláudia. Quando cada caso não é um caso. *Revista Brasileira de Educação*, n. 10, p. 58-78, jan./fev./mar./abr. 1999.
- HOLLINSHEAD, August. B. *Elmtown`s youth: the impact of social classes on adolescents*. New York: John Wiley; London: Chapman & Hall, 1949.
- MARTINS, José de Souza. *A imagem incomum: a fotografia dos atos de fé no Brasil*. UFMG – Biblioteca universitária, estudos avançados v.16 n.45 mai/ago. 2002.
- *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Contexto, 2008.
- SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- VIDAL, Diana Gonçalves e outros. *Educação, Modernidade e Civilização*. Belo Horizonte: Autentica, 1998.
- ZAGO, Nadir. Processos de escolarização nos meios populares – As contradições da obrigatoriedade escolar, In: NOGUEIRA, Maria Alice et al. (orgs.) *Família e Escola*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

¹ Esta pesquisa contou com o apoio financeiro da FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais - na modalidade bolsa de Iniciação científica.